



Mais vale um não bem sonoro do que um "sim senhor ministro"

O falhanço da equipa ministerial em relação à prova de aferição dos professores é algo que um governo dum país democrático não pode escamotear. Como professor reformado sinto que a classe docente ainda não perdeu a sua dignidade, mesmo ante uma chantagem sobre o seu direito à sobrevivência. Como antigo sindicalista e sindicalizado da CGTP, percebo muito bem a direcção da UGT e dos seus compromissos com o poder, quando se submete a algo que, só por si, é uma desautorização dos seus sindicalizados. Não creio que os aderentes, por exemplo, do SINDEP, para não citar outros - com excepção dos que se sentam nas cadeiras de deputados dos partidos do poder, ou enxameiam cargos de assessoria em ministérios e departamentos governamentais, para onde entraram pelo mérito da cunha dum cartão partidário, ou se transformaram em políticos profissionais de todas as Associações ditas do Empreendedorismo, possam estar de acordo com uma política que lhes aponta a porta da rua da escola pública, para protecção da privada e dos seus empresários, laicos ou religiosos. São professores, com habilitações académicas e pedagógicas adquiridas segundo as leis nacionais, não creio que assumam o descrédito de considerarem que uma vigarice com um objectivo tem força suficiente para lhes negar o que eles são e a sua profissão significa. Pode ser-se um social-democrata, um liberal, um democrata-cristão, não se deixa de ser um professor, que, por acaso dum política anti-democrática dum aliança de jotas, a que um mentiroso político chama de arco da governação, ao serviço dos interesses dos grupos financeiros, se encontra sem trabalho e, só com umas cruzinhas feitas a azul, ou a preto, e com uma redacção onde não pode seguir o único prémio Nobel da literatura, nem a maioria dos restantes premiados lusos, pode garantir o vencimento nada comparável com os dos assessores desses governantes.

Se o ministro da Educação repaginasse o seu passado, demitir-se-ia, ante a bofetada violenta que recebeu da classe docente na greve à prova de aferição. O seu sócia, que eu lia e aplaudia no passado, não é essa figura que veste a pele dum ministro como raramente houve – e houve-os muito maus – desde o 25 de Abril. É que o que está em causa é exactamente o que essa data significou, não só para a sociedade portuguesa, mas para a libertação dos povos humilhados por ditaduras e governos autoritários que se conservam no poder à custa do terror, da violência, do crime, do assassinio. O que o arco da governação lusa laranja e azul

monárquico promete é um regresso a um marcelismo sem Marcelo, mas onde as conversas em família escondem o impudor da impunidade do saque feito aos direitos cívicos, constitucionais, dos cidadãos, em proveito próprio e das mesmas famílias que renasceram com os financiamentos provenientes da Comunidade Europeia e, hoje, se procuram vingar da presunção de as desejarem tornar iguais às outras.

Sabem-no, laicos e religiosos, civis e militares, políticos e cidadãos. E sabem que não é possível humilhar os povos eternamente. Quando, quer nos quatro canais televisivos, quer nos informativos do cabo, os mesmos actores representam a farsa do governo à mesma hora, e a alternativa são os trinta filmes de quinta categoria dezenas de vezes repetidos ou séries e programas de lavagem cerebral, onde os polícias vencem sempre os criminosos, a gente percebe que a ditadura não se limita a acabar com a liberdade de expressão. Vai mais fundo, ao extermínio do pensamento crítico, à disseminação epidémica dum Alzheimer colectivo, de modo a que o poder, o privilégio, possam usar e abusar do poder, sem o menor impedimento jurídico.

Quando o primeiro-ministro Passos Coelho vai discursar no lanche de Natal dos deputados do PSD, com transmissão directa na SIC, TV Informação, TVI 24, percebe-se que há uma grande e madura política de manipulação na vida política à portuguesa em curso.

Por isso, o ministro da educação não podia ser outro que não este e os professores não podiam ter outra atitude do que mandar-lhe uma carta de despedida.

Ao PS, PCP, BE, Verdes, LIVRE, e o que mais se verá, votos de que não percam mais tempo a pensar nas crónicas dum Pulido Valente, que nasceu com um lacrau na língua, mas releiam o Portugal Contemporâneo do Oliveira Martins e depois me respondam: vamos andar mais quantas gerações a fingir oposição séria ao poder e a fazer compromissos nos bastidores, do Parlamento, das Câmaras, das freguesias, com os que nos (e vos) lixam?

19 de Dezembro de 2013

✉ antoniomario45@gmail.com

António Mário escreve sempre às quintas-feiras em www.oriachense.pt